

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA: A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS COMO POSSIBILIDADE DE EMANCIPAÇÃO HUMANA

MEMORIES AND LIFE STORIES: LITERACY OF YOUNG, ADULTS AND ELDERLY AS A POSSIBILITY OF HUMAN EMANCIPATION

MEMORIAS E HISTORIAS DE VIDA: LA ALFABETIZACIÓN DE JÓVENES, ADULTOS Y ANCIANOS COMO POSIBILIDAD DE EMANCIPACIÓN HUMANA

Meyre Ane MOREIRA¹

melsmoreira@hotmail.com

Universidade do Estado da Bahia

<http://lattes.cnpq.br/4962862887127732>

Jose Veiga VINÁL JUNIOR²

jvjunior@uneb.br

Universidade do Estado da Bahia

<https://orcid.org/0000-0001-5009-155>

Submetido 02/11/2023 Aceito 11/09/2024

RESUMO:

O texto apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a eficácia do processo de alfabetização de jovens, adultos e idosos de uma escola municipal de Salvador. A pesquisa teve como objetivo investigar se a alfabetização tem relação com a melhoria das condições de vida desses sujeitos. O estudo mostrou que as memórias e histórias de vida dos estudantes da EJA têm um papel importante no processo educativo, pois enriquecem o ambiente escolar e promovem o fortalecimento identitário. Para coletar os dados, utilizou-se observações diretas, entrevistas e análise documental. Trata-se de um estudo de caso e os resultados revelam desafios, mas, também, possibilidades, visto que o processo de alfabetização para jovens, adultos e idosos,

¹Mestranda em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia; Especialista em Filosofia, Estudos Culturais e Pesquisa em Educação pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB; Especialista em Educação a Distância, também, pela Universidade do Estado da Bahia; Especialista em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Norte do Paraná - UNOPAR; Especialista em Educação Especial/Educação Inclusiva/Altas Habilidades pela Faculdade de Ciências da Bahia - FACIBA; Especialista em Psicopedagogia e Educação Infantil pela Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI; Graduada em Pedagogia pela UNEB.. Atualmente faz parte da Rede Municipal de Ensino de Salvador, atuando como coordenadora pedagógica e como docente, lecionando na EJA. Atua, ainda, na Formação Inicial e Continuada de Professores Alfabetizadores.

² Professor na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Graduação em Letras com Língua Espanhola pela Universidade Federal da Bahia. Especialização em Metodologia do ensino superior com ênfase em novas tecnologias (FBB) e Especialização em LIBRAS (IBF-Pós). Mestrado em Educação de Jovens e Adultos pela UNEB. Doutorado em Linguística pela Universidade de Vigo-Espanha. Atualmente é professor Adjunto (UNEB-Salvador). Membro Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (UESB).

quando eficiente e eficaz proporciona oportunidades de emancipação humana. Contudo, há a necessidade de formação inicial e continuada, específica, para se atuar na EJA.

Palavras-chave: Alfabetização. Educação de Jovens e Adultos. Emancipação. Memórias. Histórias de Vida.

ABSTRACT:

The text presents the results of a study on the effectiveness of the literacy process for young people, adults and the elderly in a municipal school in Salvador. The study aimed to investigate whether literacy is related to improving the living conditions of these individuals. The study showed that the memories and life stories of EJA students play an important role in the educational process, as they enrich the school environment and promote identity strengthening. Direct observations, interviews and document analysis were used to collect the data. This is a case study and the results reveal challenges, but also possibilities, since the literacy process for young people, adults and the elderly, when efficient and effective, provides opportunities for human emancipation. However, there is a need for specific initial and ongoing training to work in EJA.

Keywords: Literacy. Youth and Adult Education. Emancipation. Memoirs. Life stories.

RESUMEN:

El texto presenta los resultados de una investigación sobre la efectividad del proceso de alfabetización de jóvenes, adultos y ancianos en una escuela municipal de Salvador. La investigación tuvo como objetivo investigar si la alfabetización está relacionada con la mejora de las condiciones de vida de estos sujetos. El estudio demostró que las memorias e historias de vida de los estudiantes de la EJA juegan un papel importante en el proceso educativo, ya que enriquecen el ambiente escolar y promueven el fortalecimiento de la identidad. Para la recolección de datos se utilizaron observaciones directas, entrevistas y análisis de documentos. Se trata de un estudio de caso y los resultados revelan desafíos, pero también posibilidades, ya que el proceso de alfabetización de jóvenes, adultos y ancianos, cuando es eficiente y eficaz, brinda oportunidades de emancipación humana. Sin embargo, existe la necesidad de una formación inicial y continua específica para trabajar en EJA.

Palabras clave: Alfabetización. Educación de Jóvenes y Adultos. Emancipación. Memorias. Historias de vida.

1 INTRODUÇÃO

Estamos vivenciando um período de grandes transformações, nas mais diversas áreas da sociedade, dentre elas, a da educação, no qual a rapidez com que as informações e os acontecimentos surgem e se defasam é assustador, gerando um conflito de assimilação, pois a nossa competência para compreendê-los e acompanhá-los é limitada. Assim, na sociedade contemporânea, os estabelecimentos de ensino buscam ajustamento e adequação a essa nova realidade, procurando absorver e colocar em prática, as mudanças que marcam o nosso tempo. Contudo, os desafios são grandes se considerarmos a existência de *um desalinhamento entre as*

demandas de aprendizagem e o que, de fato, é ofertado pelo atual sistema educacional do país, sobretudo na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a qual sempre foi marcada por conflitos e lutas lideradas pelos movimentos sociais que cobravam/cobram uma educação digna e de qualidade para uma enorme população brasileira que não tivera a oportunidade de frequentar a escola, quando criança, ou fora obrigada a abandoná-la, por diversas razões.

Com base em nossos estudos, esses movimentos sociais objetivavam conscientizar a população, para que essa, buscasse atuar na transformação da sua realidade, para emancipar-se, enquanto sujeitos sociais, enquanto seres humanos. Sobre essa questão, SIQUEIRA (2002, p. 5) nos diz que “é mister a participação do ser humano em processos coletivos para que ele possa vivenciar experiências que promovam a consciência auto emancipadora e desperte-o para a busca da *omnilateralidade*³”. Hoje, a EJA representa uma possibilidade de acesso ao direito à educação, garantido por lei, como explicitado na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 208 que assegura que “o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria”. Anos depois, em 1996, mediante a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), esse direito a educação gratuita é ampliado para o ensino médio e o país enfim reconhece a EJA como modalidade de ensino, incumbindo o Estado de algumas responsabilidades, como: o provimento de todos os meios para a sua promoção, assim como a formação docente para atuar junto a seu coletivo social, respeitando suas especificidades. Em 2000, após o país vivenciar grandes mobilizações acerca da discussão da EJA como modalidade da educação básica, foi aprovada as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA, a (Resolução CNE/CEB nº 01/2000), que em seu parecer (CNE/CEB nº 11/2000), garante o reconhecimento da concepção de EJA “como um modo de existir, com características próprias”.

Contudo, o que ainda se vê, em dias atuais, é uma visão equacionada da EJA como suplência e assistencialismo, associando-a a uma mera escola de segunda chance, a uma escolarização compensatória para aqueles sujeitos que não conseguiram frequentá-la na “idade certa”, principalmente no que se refere a alfabetização, visto que ainda tem-se uma visão reducionista acerca dessa etapa da escolarização dos sujeitos da EJA. Essa é uma visão completamente equivocada, seguindo o ponto de vista de Costa e Oliveira (2011, p. 121),

³ Formação humana oposta à formação unilateral provocada pelo [trabalho](#) alienado, pela [divisão social do trabalho](#), pela reificação, pelas relações burguesas estranhadas. Disponível em <http://www.sites.epsiv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/omn.html>. Acesso em 12.out.2023.

quando afirmam que “a alfabetização é uma parte fundamental na educação de jovens e adultos [...]”, sobretudo como base, como pilar para uma boa edificação do processo de aprendizagem do saber sistematizado. Além disso, a condição de *alfabetizado* desperta nos sujeitos jovens e adultos o sentimento de pertencimento e inclusão social, elevando sua autoestima e favorecendo a criação de situações que viabilizam melhorias em suas condições de vida.

Partindo desse pressuposto, defendemos a ideia de que a educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino que demonstra, não apenas na teoria, mas também na prática, que é possível mudar os rumos sociais do nosso país por meio da educação. Uma educação que “compreenda jovens, adultos(as) e idosos(as) como sujeitos de direitos, atores do fortalecimento da democracia e da cidadania ativa e, por tanto, agentes políticos de transformação” (CAPUCHO, 2012, p. 129-130). Dessa forma, acredita-se que a EJA possibilita a esses jovens, adultos e idosos desenvolverem suas habilidades, apropriando-se de competências que lhes proporcionem aprimoramento pessoal e profissional, oportunizando-lhes condições de participarem da vida social de maneira mais crítica e consciente. Do mesmo modo, a educação de jovens e adultos beneficia a interação e o convívio entre sujeitos pertencentes a variados coletivos sociais, favorecendo sua autonomia e sua participação nas situações de mudanças e transformações sociais, tornando-os cidadãos cômicos não apenas em relação aos seus direitos, mas também em relação aos seus deveres para com a sociedade.

Dito isto, insurgem, em nosso pensamento, indagações sobre a efetividade do processo de alfabetização ofertado numa determinada escola da rede municipal de educação de Salvador. Nasce, então, o objeto de estudo pautado no seguinte questionamento: em que medida o processo de alfabetização contribui para a melhoria das condições de vida de jovens, adultos e idosos egressos do Tempo de Aprendizagem I (TAP I)⁴? Na busca pela resposta a tal questionamento, surge o desejo de investigar a eficácia do processo de alfabetização de jovens, adultos e idosos, da supracitada escola, com vistas a descobrir se há relação entre alfabetização e melhoria das condições de vida desses sujeitos.

⁴ Tempo formativo equivalente ao primeiro ano da EJA I, com ênfase nos processos de alfabetização e letramento (SALVADOR, Resolução 041/2013). Disponível em <<https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/cme-salvador-ba-ok-08-res-cme-041-2013-eja-5faf19cda408e-pdf>> Acesso em 31.out.2023.

RECORDAÇÕES E NARRATIVAS DOS SUJEITOS DA EJA: POR QUE CONTAM ESSAS HISTÓRIAS?

Pensar na problemática criada a partir da condição de *alfabetismo* de sujeitos jovens, adultos e idosos, como elemento importante na busca pela melhoria nas suas condições de vida, foi algo desafiador, visto que a superação do analfabetismo está intimamente atrelada a um processo de alfabetização eficaz e significativo. Além do mais, o campo de estudos e pesquisas sobre alfabetização de jovens e adultos no Brasil, ainda, não é tão explorado. Essa é uma situação contraditória à realidade de um país que, em pleno século XXI, possui mais de 11 milhões de jovens e adultos a partir de 15 anos idade que não sabem ler e escrever (IBGE/PNAD, 2019, p. 85), ou que iniciaram seu processo de alfabetização, mas que ainda não desenvolveram as habilidades leitoras e escritoras necessárias para o enfrentamento e a superação dos inúmeros entraves que se colocam diante de si, impostos por uma sociedade onde o domínio da escrita e da leitura é condição imprescindível para que o sujeito seja inserido socialmente e possa participar de modo crítico e criativo nas transformações sociais, em prol de uma melhor qualidade de vida.

Desse modo, na tentativa de buscar melhorar o seu bem-estar, seja para fins de aperfeiçoamento profissional, seja para o crescimento pessoal, muitos sujeitos jovens, adultos e idosos retornam à escola, e tantos outros adentram-na pela primeira vez, enfrentando vários desafios, tal como a difícil conciliação entre a longa jornada de trabalho e a retomada dos estudos. A escola, por sua vez, se mantém, praticamente, inflexível e com sua estrutura organizacional vigente que não acolhe esses sujeitos como deveria, ao contrário, na maioria das vezes, desconsidera suas vivências, seus anseios e suas necessidades, por meio de estratégias pedagógicas exaustivas, ultrapassadas e desmotivadoras. Além disso, a maioria absoluta dos docentes que atuam na educação de jovens e adultos, principalmente nas classes de alfabetização, não possui uma formação específica para isso. Portanto, as falas dos sujeitos jovens, adultos e idosos egressos do TAP I, sobre a relação entre a alfabetização e a melhoria em suas condições de vida, são fundamentalmente importantes e inserem-se no contexto da memória e da lembrança, quer dizer, nas acepções construídas ao longo das suas histórias e vivências.

Por conseguinte, as discussões sobre a educação de jovens e adultos, nas variadas conjunturas sociopolítica, histórica e cultural, nos proporciona aportes teóricos para o

entendimento das significações postas nos dizeres dos sujeitos pesquisados, levando em consideração suas trajetórias de vida e recordações. Porquanto, ao analisarmos as falas dos sujeitos depoentes, na condição de pesquisador, descrevemos a preleção trazendo à tona muito mais que depoimentos, pois percebemos que durante os momentos de entrevistas não eram apenas indivíduos que depunham, mas sujeitos pertencentes a um lugar social, vivendo em diferentes tempos da vida e que estavam ali contando-nos sobre suas experiências na retomada dos estudos, na busca por “novas palavras, não para colecioná-las na memória, mas para dizer e escrever o seu mundo, o seu pensamento, para contar sua história” (FREIRE, 2014, p. 16).

Mediante ao desenvolvimento dessa pesquisa, passamos a conhecê-los em suas truncadas trajetórias de vida, como costuma dizer Arroyo (2011), e obtivemos maiores possibilidades de compreensão acerca dos significados atribuídos por esses sujeitos ao processo de construção da base alfabética, como condição essencial para o alcance de melhorias na qualidade de suas vidas, proporcionando-lhes bem-estar e acesso ao usufruto dos bens socialmente construídos ao longo do processo sócio-histórico e cultural da humanidade. Ainda, sobre os sujeitos da pesquisa, suas falas e depoimentos nos contam que são pessoas com um extenso percurso histórico de lutas pela própria sobrevivência e que, por razões diversas, no decorrer de suas existências, foram postas de lado pela sociedade, excluídas do sistema escolar, privadas de muitos direitos essenciais e a uma vida mais digna.

Do mesmo modo, por meio dos seus relatos, alicerçados em suas vivências e experiências, entendemos que, independentemente do sucesso ou insucesso na sua jornada escolar, esses cidadãos desempenham múltiplos papéis fundamentais para a sociedade, pois como a professora Edite de Faria⁵ costuma dizer, *são sujeitos de possibilidades e não apenas da falta*. São, em sua maioria, mães, pais, filhos, avós, diaristas, domésticas, lavradores, motoristas, pedreiros, marceneiros, caseiros, membros de associações, pessoas criativas, idealistas e dotadas de tantas outras aptidões socioculturais que enriquecem e contribuem com o nosso desenvolvimento socioeconômico e cultural. São sujeitos *aprendentes* que depositam nos estudos a confiança e a esperança da realização de sonhos ou alcance de metas, pautadas nos seguintes objetivos: qualificação profissional, melhoria na qualidade de vida, realização

⁵ Edite Maria da Silva de Faria, mulher negra, professora, nascida no campo. Doutora (2014) em Educação e Contemporaneidade pela UNEB. Professora Adjunta do Departamento de Educação - Salvador. Professora Permanente do Mestrado em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA)/UNEB, e muito mais. Disponível em https://www.mpeja.uneb.br/corpo-docente/#professores_permanentes Acesso em 01.nov.2023.

pessoal, exigência do mercado de trabalho, dentre outros. Enfim, são sujeitos de aprendizagem, mas, também, de saberes múltiplos, de amplos conhecimentos construídos e acumulados ao longo das suas experiências de vida.

Posto isto, pensar nos coletivos populares da EJA é considerá-los em sua ampla *diversidade*, a qual se estabelece nas diferenças. Não nas diferenças que geram desigualdades, mas que distinguem as pessoas umas das outras, caracterizadas por suas singularidades. Complementando nosso pensamento, Arroyo (2011) nos orienta sobre a importância de nos apropriarmos de seus percursos sócio-históricos, suas peculiaridades e nos aproximarmos,

Com outro olhar e ver uma riqueza nesse caráter aberto e nessa diversidade de atores e de intervenções. De fato, a abertura à diversidade tem sido um traço da história da EJA. Diversidade de educandos: adolescentes, jovens, adultos em várias idades; diversidade de níveis de escolarização, de trajetórias escolares e, sobretudo de trajetórias humanas (ARROYO, 2011, p. 31).

Os ensinamentos de Arroyo (2011), ainda nos conduzem à reflexão e nos embasam a dizer mais sobre esses importantes protagonistas da EJA, pois eles "não são acidentados ocasionais que, ou gratuitamente, abandonaram a escola" (ARROYO, 2011, p. 30), são jovens, adultos e idosos que reproduzem os mesmos percursos acidentados de seus pais, avós e bisavós, ou seja, perpetuam as mesmas trajetórias de supressão de direitos vivenciadas por seus ascendentes, legado imposto por uma sociedade extremamente opressora e excludente. Contudo, embora tenham sido relegados às mazelas da vida, muitos desses sujeitos acreditam na possibilidade de obterem uma vida mais digna e veem na escola, na retomada aos estudos, a oportunidade para alcançar tal objetivo. Para eles, a superação da condição de analfabetos é o primeiro passo para a sua emancipação humana, para a sua libertação da opressão, injustiça, discriminação e marginalização social.

E, por acreditar na probabilidade de concretude e sucesso dessa empreitada, é que defendemos a ideia de uma nova configuração da educação de jovens e adultos, sobretudo, do seu processo de alfabetização, pois estamos vivendo um momento oportuno para essa reconfiguração, uma vez que as discussões sobre essa modalidade de ensino têm se intensificado nos últimos anos. Entretanto, não se pode esquecer de que a EJA deve ser concebida como um espaço sociocultural, de compartilhamento de informações, construção e socialização de conhecimentos, significação e ressignificação de saberes pautados nas vivências

dos sujeitos que do seu contexto são partícipes; tendo em vista que a EJA é mais que uma modalidade de ensino, a EJA é condição para o empoderamento pessoal, para um processo de formação humana, social, histórico, político e cultural.

3 CAMINHOS PERCORRIDOS: METODOLOGIA/PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DOS DADOS

Com base nos referenciais teóricos de autores como Demo (2001) e Gil (2008), entendemos a pesquisa como um mecanismo de ajustamento, organização e possibilidade de compreensão sobre uma problemática, a qual se propõe a estudar. Em outras palavras:

Procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõem de informações suficientes para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema. [...] a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados (GIL, 2008, p. 17).

Neste caso, é imprescindível pensar/refletir sobre o percurso a ser seguido, assim como as estratégias que deverão ser desenvolvidas. Além disso, o percurso metodológico deve ser planejado com atenção e cautela, estreitando-se a relação entre o tipo de pesquisa e o objeto a ser pesquisado. Dessa forma, Thiollent (2002) adverte quanto à importância de se compreender a função da metodologia dentro da pesquisa. Para o autor, a metodologia “consiste em analisar as características dos vários métodos disponíveis, avaliar suas capacidades, potencialidades, limitações ou distorções e criticar os pressupostos ou as implicações de sua utilização” (THIOLLENT, 2002, p. 25). Ainda, Thiollent (2002) nos ensina sobre a importância do estudo e o entendimento acerca da metodologia, nos alertando sobre o fato de que esta etapa orienta o pesquisador quanto à condução da pesquisa, a elaboração do problema, a seleção de definições/conceitos, hipóteses e o conjunto de técnicas adequadas à coleta de informações. Esta pesquisa trata-se de um estudo de caso, que de acordo com Gil (2008), ao citar Yin (2005, p. 32), pode ser definido da seguinte forma:

O estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência (GIL, 2008, p. 58).

3.1 Instrumentos utilizados

Na intenção de pesquisar o objeto de estudo, utilizou-se como instrumentos de coleta: observação sistemática, entrevistas semiestruturadas, registros (gravados, escritos e fotográficos) feitos em campo e análise documental. De acordo com as ideias de Gil (2008), o método observacional como forma de acessar a realidade empírica pode ser considerado como um dos mais primitivos e, ao mesmo tempo, como um dos mais modernos utilizados numa pesquisa. Isso porque, a observação direta do campo pesquisado possibilita a percepção do ambiente, assim como dos fatos que nele acontecem, aos quais não se teria acesso somente por meio de perguntas. Desse modo, a observação sistemática se constitui numa técnica importante para o entendimento e compreensão do objeto de estudo, fornecendo “os indícios para a solução dos problemas propostos” (GIL, 2008, p. 35).

No que se refere à entrevista, Gil (2008) ao citar Selltiz *et al.* (1967, p. 273) considera esse instrumento de coleta de dados como sendo,

Bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (GIL, 2008, p. 109).

A entrevista valoriza os discursos dos sujeitos pesquisados, levando em consideração suas opiniões e pontos de vista. Então, acreditamos que a entrevista semiestruturada trata-se de um diálogo dirigido, cuja finalidade é coletar informações para a pesquisa, por meio de respostas fornecidas pelo entrevistado. No que tange a análise documental, esse método constitui-se numa técnica adequada a vários tipos de pesquisa, visto que pode “proporcionar ao pesquisador dados em quantidade e qualidade suficiente” (GIL, 2008, p. 147) para comprovação de hipóteses estabelecidas. Por fim, o registro (gravado, escrito e fotográfico) nos oferece elementos para refletirmos a realidade na busca pela consistência dos dados coletados.

3.2 Análise dos dados

Os dados coletados para o desenvolvimento da pesquisa originaram-se, principalmente, da realização de entrevistas semiestruturadas com egressos do TAP I, da supramencionada escola, *lócus* da pesquisa. No universo de 17 (dezessete) pessoas egressas do tempo de aprendizagem I, realizamos a entrevista com 6 (seis) delas, o que representa cerca de 35% da turma. A escolha dos participantes da pesquisa contemplou as seguintes categorias: geracionais, de gênero, de etnia e culturais, visando atender, proporcionalmente, à diversidade existente nas classes de EJA, além da disponibilidade desses sujeitos em participarem da pesquisa.

Salientamos que durante a pesquisa, as entrevistas foram realizadas, individualmente, em diferentes dias, sempre agendadas com antecedência, quando explicamos o objetivo da pesquisa, informando que as falas seriam gravadas em áudio e transcritas, posteriormente, e garantindo aos sujeitos pesquisados que teriam suas identidades preservadas em sigilo. Procedemos do mesmo modo com todos os participantes da pesquisa, os quais assinaram de livre e espontânea vontade o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), consentindo que os resultados obtidos pela pesquisa fossem apresentados e publicados em eventos e artigos científicos. Ademais, a fim de assegurar o anonimato desses sujeitos iremos identificá-los, aqui, como depoentes seguidos das letras A, B, C, e assim sucessivamente.

3.3 Da entrevista

Foram ouvidos seis egressos do TAP I, sujeitos com trajetórias de vidas marcadas pela discriminação e exclusão social. Os dizeres desses jovens e adultos, sobre o retorno à escola para a retomada dos estudos evidenciam percursos e condições pouco favoráveis à sua escolarização. Contudo, em busca da oportunidade de aprender a ler e escrever, esses sujeitos pertencentes a diversos coletivos sociais, enfrentaram e superaram obstáculos e adversidades que se colocaram diante deles. As perguntas da entrevista seguiram a direção sobre a importância da condição de alfabetismo na melhoria das condições de vida dessas pessoas.

A seguir, trazemos uma breve descrição dos sujeitos cujas narrativas serviram como principal fonte de informações para o desenvolvimento da pesquisa:

Depoente A: Separada há quatro anos, filha de pais analfabetos, mãe de três filhos, aos 40 anos de idade trabalha como doméstica para sustentar as despesas da casa. Seu primeiro contato com a escola foi no final da adolescência, aos 18 anos de idade. Sua curta trajetória escolar foi interrompida pouco tempo depois da sua entrada na escola, por conta de uma gravidez não planejada.

Depoente B: Casado, pela segunda vez, há apenas um ano, aos 50 anos de idade exerce a função de caseiro, cuidando do mesmo sítio há cerca de 18 anos. Pai de um filho adulto e já casado, ele mora com a esposa, à qual foi responsável pelo seu retorno aos estudos, incentivando-o e motivando-o. A primeira vez que ele entrou numa escola, ele tinha 9 anos de idade, entretanto, deixou os estudos quando seu pai “deu-lhe” para ser criado e cuidado por outra pessoa. Seus pais também não eram alfabetizados.

Depoente C: Filho de pais não alfabetizados, casado há vinte e oito anos, pai de dois filhos, aos 52 anos de idade desenvolve a atividade profissional de agente de portaria na própria escola onde participou do processo de alfabetização. Seu primeiro acesso à escola foi aos 12 anos de idade, mas, logo depois, teve que abandonar os estudos para ajudar no sustento da família, visto que era o mais velho de quatorze irmãos.

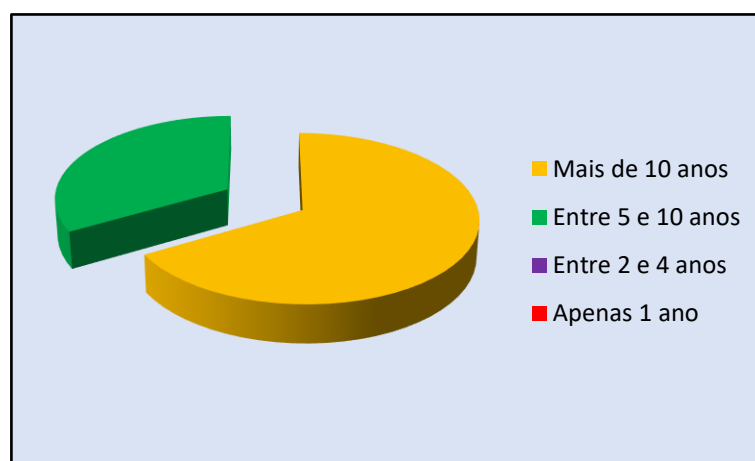
Depoente D: Pai de três filhos, casado há quatorze anos, atualmente aos 37 anos de idade exerce a profissão de jardineiro. A primeira vez que teve contato com a escola, como estudante, foi aos 35 anos de idade. Filho de pais analfabetos, nunca pode estudar quando criança, pois começou a trabalhar cedo, desde os seus 13 anos de idade, para ajudar no sustento da família, na criação dos irmãos menores.

Depoente E: Viúva há 15 anos, mãe de 11 filhos, sendo que 4 morreram quando eram crianças, ela terminou de criar os outros filhos, sozinha, fazendo capina em sítios e roçados. Seus pais eram analfabetos e ela tinha 10 anos de idade quando entrou na escola pela primeira vez, contudo nunca se estabelecia em um único lugar, por conta da necessidade de seus pais em conseguirem trabalho para sustentar a família, o que ocasionava a mudança contínua de escola. Com o tempo, seu pai tirou-a da escola e levou-a para ajudar nos afazeres da roça.

Depoente F: Filho de pais não alfabetizados, solteiro, não tem filhos e, aos 22 anos, trabalha como caseiro em um sítio dentro da comunidade na qual reside. Seus pais o colocaram na escola aos cinco de idade, contudo, alguns anos depois, devido às várias reprovações, abandonou os estudos e foi trabalhar para ajudar nas despesas de casa.

A partir dos breves históricos descritos acima, percebe-se que os sujeitos pesquisados foram excluídos precocemente da escola, e que a sua reinserção à instituição escolar somente aconteceu anos depois, por meio da educação de jovens e adultos, à qual, de acordo com Pereira *et al.* (2011, p. 170) contribui “para a efetivação da cidadania desses indivíduos”. Vejamos abaixo o gráfico que apresenta o tempo em que esses sujeitos ficaram fora da escola.

Gráfico 1 – Tempo em que os sujeitos pesquisados ficaram fora da escola



Fonte: Figura criada pelos autores com base em dados da pesquisa.

Conforme se observa no gráfico 1, aproximadamente, 67% dos entrevistados passaram mais de dez anos fora do ambiente escolar. Segundo Pereira *et al.* (2011), a saída precoce da escola, assim como o afastamento da mesma por um longo período provoca vários impactos na vida desses sujeitos, contudo “o mais significativo diz respeito aos constrangimentos sociais por eles sofridos por causa da pouca escolarização” (PEREIRA *et al.*, 2011, p. 171). É o que observamos ao analisarmos a fala da Depoente A, que ao ser questionada se havia sido discriminada em algum momento da sua vida por não saber ler e escrever, responde o seguinte:

Sim, quando eu era casada com o meu marido, que eu não sabia fazer as coisas que ele mandava eu fazer, não sabia porque eu não tinha leitura e aí eu fui me sentindo envergonhada por isso, principalmente, quando ele me xingava de analfabeta ignorante. Isso me machucava muito, me magoava de verdade (DEPOENTE A).

Ao dizer essas palavras, foi possível perceber nos olhos (marejados) da depoente, a dor da lembrança de momentos em que sofreu constrangimentos por não saber ler; todavia, é importante frisar que “esses mesmos constrangimentos acabam por se configurar como um dos maiores motivadores da reinserção na vida escolar” (PEREIRA *et al.*, 2011, p. 171). Ainda, em relação à exclusão precoce da escola ou mesmo o fato de nunca tê-la frequentado quando criança e/ou adolescente, evidencia-se através das falas dos entrevistados que isso aconteceu por diversos motivos, mas a causa principal se constitui na necessidade de trabalhar, ainda muito cedo, para ajudar no sustento dos seus familiares, como se observa nos depoimentos que seguem.

Olha, naquele tempo foi trabalho [...], lá em casa foram quatorze filho, né? E os maiores que ia ficando maior iam trabalhando mais pra poder ajudar a criar os outros menores. Então quando eu ficava na escola que eu não tinha o desempenho o pai tirava e botava pra trabalhar (DEPOENTE C).

Ah, porque não tive... era tudo mudado, né? Hoje em dia... Eu comecei a trabalhar com treze anos, aí não tinha como estudar mesmo. Eu precisava ajudar meu pai a colocar comida dentro de casa (DEPOENTE D).

Meu pai trabalhava muito na roça e então levava a gente ainda pequena pra ajudar no roçado. Eu comecei a ter calos nas mãos desde os doze anos de idade e tenho até hoje [...]. Faltava dinheiro, a gente nesse tempo não tinha pra se manter, assim, comprar roupa pra ir pro colégio [...]. Eu me sentia muito envergonhada quando eu via minhas colega tudo vestidinha, tudo bonitinha e minha mãe sem poder dar, o meu pai também. Eu me sentia muito triste em ter que usar aqueles trapinhos (DEPOENTE E).

Sobre esse assunto, Jardimino e Araújo (2014, p. 132) nos dizem que “desde a necessidade de trabalhar para complementar a renda ou aumentar o sustento da família, até a baixa qualidade do ensino” são fatores que determinaram o abandono dos estudos por parte desses sujeitos caracterizados pela negação e violação de direitos, pela exclusão social. No que se refere à qualidade de ensino, questionamos aos sujeitos da pesquisa

como eram as aulas na época em que eram crianças, quando adentraram a escola pela primeira vez, e como a professora ensinava. Também perguntamos como eles se sentiam na escola quando estudavam. Algumas respostas nos surpreenderam, vejamos a seguir:

A educação era diferente, né? Porque tinha aquela palmatoriazinha, né? Se o aluno vacilasse e tal podia tomar aquela reguazinha e hoje em dia, realmente, acabou tudo isso. Naquele tempo a professora era uma autoridade mais do que o que é hoje, né? Porque eles obedecia como se fosse a mãe, né? E hoje tem aquela lei da palmada, você não pode dar uma palmadinha num filho, principalmente num aluno, né? As criança tinha mais educação, tinha respeito. Não respondia professora, não respondia mãe e pai em casa e hoje tá em geral, eles responde a professora, responde os pais (DEPOENTE C).

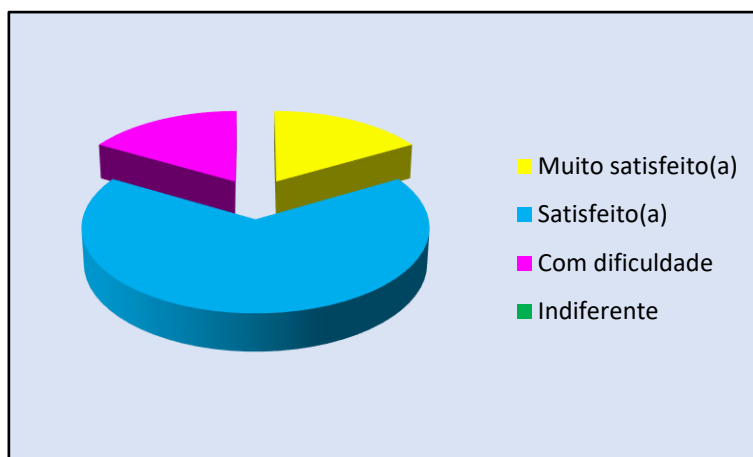
As aulas era boa, mas tinha aquelas professora que dava bolo na mão da gente usando a palmatória. Eu mesmo uma vez fiquei de castigo na escola ajoelhado nos caroço de feijão e milho, com os braços abertos virado pra parede, então fugi pra casa na hora do recreio. Oxi, quem disse? Não deu outra, a professora foi me buscar lá em casa e meu pai ainda deu apoio a ela. Levei dez bolos em cada mão. Daí pra frente nunca mais quis saber de estudar e logo depois meu pai me deu pra outra pessoa me criar. Era um tempo muito difícil, muito sofrido (DEPOENTE B).

As aulas era normal, a professora ensinava aquilo que tinha que ensinar pra nós. Era mais assim... hoje tá mais difícil do que antes. Gostava da maneira que a professora ensinava com toda paciência, tudo pra nos ensinar, pra gente se esforçar mais um pouco e aprender (DEPOENTE A).

Quando eu era criança as aulas era boa e não era. Eu gostava de estudar, de copiar o que professora botava no quadro, mas ela era muito bruta e dava biliscão e reguada na gente. Nós não podia abrir a boca e nem demorar pra responder uma conta se não tomava até puxão de orelha. Também meu pai sempre viajava, morava num lugar, mudava e tirava a gente do colégio e botava em outro lugar e ele partia pra trabalhar. Sempre foi assim (DEPOENTE E).

Em relação a como se sentiam na escola, na época em que estudavam, o próximo gráfico mostra a percepção dos sujeitos pesquisados quanto ao seu convívio no universo do âmbito escolar.

Gráfico 2 - Percepção dos sujeitos quanto ao convívio no ambiente escolar



Fonte: Figura criada pelos autores com base em dados da pesquisa.

Os egressos do TAP I, ouvidos durante a entrevista, expressam o que pensam e o que sentem a respeito da escola onde estudaram quando crianças e/ou adolescentes. Como podemos verificar no gráfico acima, a grande maioria (cerca de 67%) se sentia satisfeito com o ambiente escolar da época. É no mínimo curioso que mesmo sofrendo com castigos e sendo subjugados pela professora de outrora, assim como pelo sistema de ensino daquele tempo, os entrevistados considerem boas as práticas pedagógicas e o ensino oferecido quando eram crianças e/ou adolescentes. Porém, para Pereira *et al.* (2011), “diante da questão da falta de estudo, homens e mulheres enfrentam os mesmos desafios, preconceitos e *valorizam a escola* da mesma maneira” (PEREIRA *et al.*, 2011, p. 160, grifo nosso), mesmo sendo essa tradicional, autoritária e extremamente disciplinadora. Falando em falta de estudo, também, foi questionado aos entrevistados como era o cotidiano deles sem o domínio das habilidades básicas da leitura e da escrita, e o que faziam nas situações em que a leitura era necessária.

Como resposta, relataram o seguinte:

Era bem difícil pra pegar ônibus, pra ler a bíblia, ler um jornal. No momento em que eu via todo mundo ler, escrever e eu não, ficava triste. Quando eu queria saber alguma coisa que tava escrito era obrigado a perguntar aos outros (DEPOENTE B).

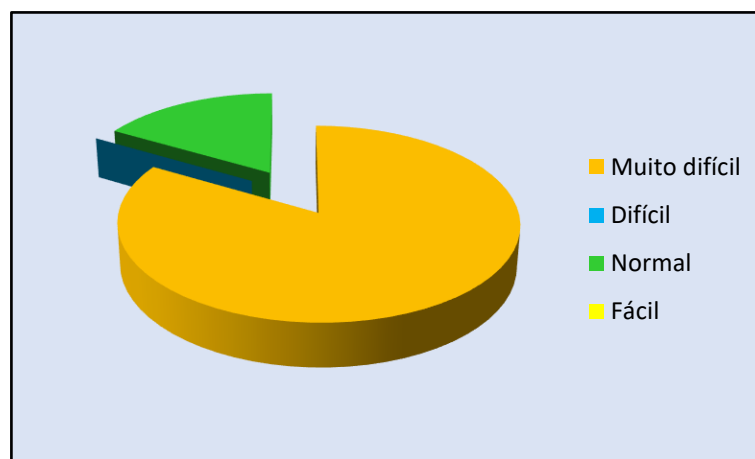
Ah, precisei muito da leitura, ia pegar ônibus que eu não sabia. Peguei muito ônibus errado. É... foi duro. Então, comecei a perguntar, pra

chegar nos lugar, né? Mas me sentia envergonhado por isso (DEPOENTE D).

Quando era pra pegar um ônibus e eu não sabia e eu tinha que perguntar a alguém. Mesmo assim não me sentia segura, pois já me indicaram muito ônibus errado e eu me desesperava por não ter mais dinheiro da passagem pra voltar. Já sofri muito na vida por não saber a leitura (DEPOENTE A).

Ainda, sobre o cotidiano dos entrevistados, sem o domínio das habilidades básicas da leitura e da escrita, eles vivenciaram momentos muito difíceis, como nos mostra o gráfico a seguir.

Gráfico 3 - Cotidiano sem o domínio das habilidades básicas da leitura e da escrita



Fonte: Figura criada pelos autores com base em dados da pesquisa.

Pelos relatos dos sujeitos da pesquisa, assim como mediante análise do gráfico 3, nota-se que essas pessoas vivenciaram muitas dificuldades em seus percursos de vida por não dominarem as habilidades leitoras e escritoras. Essas dificuldades aliadas ao desejo de melhorar suas condições de vida levaram/levam muitos jovens, adultos e idosos a retomarem os estudos, pois “quem estuda vence obstáculos e liberta-se das limitações impostas pelo baixo grau de escolarização; compreende-se mais e melhor o mundo, a si próprio e ao outro” (PEREIRA, *et al.*, 2011, p. 159). Por conta disso, ao perguntarmos aos entrevistados o porquê eles retornaram à escola, obtivemos os seguintes relatos:

Bom, voltar pra escola pra ver o título, assinar a identidade, tirar a carteira de trabalho e arrumar um trabalho melhor, pois sem isso a gente não é muita coisa (DEPOENTE F).

Porque eu queria aprender mais e mais, ser uma pessoa melhor, ser alguém na vida. Eu queria largar a vida de capinar o dia todo debaixo

do sol quente e graças a Deus eu consegui. Agora, eu trabalho na CEASA, como vendedora. Eu tenho muito orgulho disso (DEPOENTE E).

É porque agora há uma necessidade de querer reconquistar aquilo que eu não consegui antes. De crescer e ser exemplo para meus filhos. Eu quero um trabalho melhor, que me dê melhores condições de cuidar deles, pra um dia eles cuidarem de mim (DEPOENTE A).

Porque a gente se sente frágil, muitas vezes fica envergonhado dum pessoa chegar, tá no meio das pessoas e você não saber fazer aquelas coisas, né? Num ter caligrafia, aquelas coisas a gente se sente um pouco mal, se sente triste (DEPOENTE C).

Porque eu quero saber mais, né? Quero aprender mais um pouco. Quero ajudar meus filhos com o dever da escola. Quero sentar e ler um livro inteirinho, sozinho (DEPOENTE D).

Com base nesses discursos, concordamos com Pereira *et al.* (2011, p. 171) quando argumentam em favor de que “a escolarização, mesmo que tardia, proporciona aos educandos o acesso a conhecimentos e informações que ampliam o entendimento deles enquanto cidadãos”. Assim, compreende-se que a retomada dos estudos trouxe para os sujeitos pesquisados uma ampliação de horizontes e suas perspectivas pessoais, como é o caso da egressa identificada como ‘depoente E’ que deixou a capina, o roçado, para ser vendedora. E, em conformidade com o pensamento dos autores supramencionados, acreditamos que a “ausência de escolarização é uma barreira para a inserção das pessoas no mercado de trabalho, tornando assim o processo de escolarização um requisito fundamental para o crescimento delas em todas as esferas sociais” (PEREIRA *et al.*, 2011, p. 160-161).

Corroborando com esse pensamento, Dias *et al.* (2011, p. 68) afirmam que é “possível perceber o que a escola representa para esses sujeitos e ainda apontar algumas melhorias na qualidade de vida dessas pessoas a partir da volta aos estudos”. Destarte, durante as entrevistas indagamos aos participantes da pesquisa se a escola é importante na formação do sujeito e de que forma ter participado do TAP I contribuiu para a melhoria da sua condição de vida.

Vejamos as falas que buscam responder a esses questionamentos:

Sim, muito, muito importante. Hoje eu vejo a falta que é. Ter participado do TAP I contribuiu na minha vida porque eu acabei aprendendo mais, sabendo como chegar até as pessoas, sabendo como conversar, como falar, não errando, não comendo letra. Então a gente fala correto porque a gente aprendeu. É isso... (DEPOENTE A).

A educação é tudo na vida da gente, principalmente hoje em dia. Valeu a pena porque eu queria aprender a ler e eu aprendi. Não muito, mas aprendi um pouco. Hoje meu patrão me pede pra buscar as cartas pra ele, eu vou e pego sem errar (DEPOENTE B).

Sim, a educação ajuda a gente a ser melhor, a ser alguém respeitado. E graças a Deus eu ainda aproveitei, né? Que aprendi alguma coisa, treinei mais um pouquinho e tal. Ter estudado no TAP I me ajudou a falar com as pessoa, a assinatura também que eu não sabia, troquei meu documento, porque me incomodava colocar o dedo. Num ficou cem por cento, mas melhorou mais, perdi mais a vergonha, né? (DEPOENTE C).

Estudar ajuda sim, ajuda a gente a ser alguém na vida, sabe? Porque só trabalhando não dar certo não. O TAP I pra mim serviu em várias coisas. Eu não sabia as coisas, não sabia nada, não sabia ler e nem escrever. Agora, graças a Deus, eu sei ler um pouco, sei um pouco de conta e isso tem me ajudado na vida (DEPOENTE F).

Dias *et al.* (2011, p. 66), baseados em suas pesquisas, afirmam a existência da discriminação para com os sujeitos que não dominam as habilidades para ler e escrever, e, também, apontam como “fator determinante nesse processo, o fato de que a sociedade contemporânea supervaloriza o sujeito alfabetizado em detrimento do não alfabetizado, o que potencializa a existência da estigmatização”. Portanto, observa-se que deixar a condição de não alfabetizado, para os sujeitos da pesquisa, foi algo importantíssimo e, de modo unânime, eles acreditam que a formação do sujeito, por meio da educação, é imprescindível. Assim, declaram que ter participado do TAP I contribuiu, positivamente, em suas vidas.

Então, percebe-se a partir das ideias dos supramencionados autores e dos depoimentos dos participantes da pesquisa, que a trajetória de vida e de escolarização desses sujeitos foi caracterizada por constrangimentos sociais, discriminação e preconceito, inúmeros desafios e entraves que se impuseram diante deles, em vários momentos das suas vidas, protagonizados por uma sociedade preconceituosa e excludente. Entretanto, constata-se, também, que mesmo diante de tantas barreiras e dificuldades, esses sujeitos não desistiram, ao contrário, se utilizaram desses desafios

como elementos motivadores para o seu retorno à vida escolar e a retomada dos seus estudos, na busca pelo crescimento tanto pessoal quanto profissional. Em suma, nota-se que no caso desses egressos do TAP I, “o ato de escolarizar-se promove melhorias na qualidade de vida destes sujeitos” (COURA, 2008, p. 19).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo investigar a eficácia do processo de alfabetização de jovens, adultos e idosos egressos do tempo de aprendizagem I, de uma determinada escola da rede municipal de ensino de Salvador, com vistas a descobrir se há relação entre alfabetização e melhoria das condições de vida desses sujeitos, visto que, tantos autores e especialistas da área de educação acreditam que a alfabetização é condição básica para a inserção dos sujeitos em um mundo onde, cada vez mais, a leitura e, também, a escrita, funcionam como instrumentos de interação para a criação de novas subjetividades sociais. Em vista disso, no intuito de entender e compreender o objeto de estudo, assumiu-se a posição de pesquisador-observador, com o propósito de acompanhar e registrar os movimentos, os discursos e as ações dos sujeitos pesquisados. Assim, nos debruçamos sobre a eficiência do processo de alfabetização desenvolvido na referida escola, por meio de observação em campo, entrevistas, análise documental e registros (gravados, escritos e fotográficos).

Durante as entrevistas, pudemos observar nas falas dos sujeitos depoentes, o quanto participar do processo de alfabetização foi importante para as suas vidas. Eles veem na escola, na educação, possibilidades para melhorar suas condições de vida, buscando o próprio bem-estar, assim como o da sua família, e pelos dizeres desses sujeitos, ter participado do TAP I foi o ponto de partida em busca de alcançar esse objetivo. Eles primam por sua emancipação pessoal e profissional, desejam aprender, cada vez mais, para terem autonomia, credibilidade nas atividades exercidas, para se apresentarem diante das pessoas “letradas” com segurança, sem medo de errar, de ficar para trás, e muitos também buscaram conseguir um emprego melhor.

Conclui-se que o processo de alfabetizar-se proporciona condições para a criação de um contexto mais favorável à construção de competências e conhecimentos

indispensáveis a todo cidadão, para a melhoria da qualidade de vida. Vale registrar que alguns sujeitos participantes da pesquisa consideram que o tempo destinado às práticas de alfabetização de jovens, adultos e idosos poderia ser ampliado. Ou seja, maior durabilidade para garantir a construção da base alfabética dos participantes do TAP I, de maneira mais efetiva.

Outro fator observado, refere-se ao fato de que os professores que atuam na EJA não possuem, ainda, formação específica para lecionar em classes de educação de pessoas jovens, adultas e idosas, principalmente, na alfabetização. Feitas essas considerações, assinalamos a necessidade de iniciativas e investimentos tanto na formação inicial quanto na formação continuada do docente, inclusive com a oferta de cursos voltados para a educação de jovens e adultos pelas universidades, com vistas a lhe oferecer condições de ir além dos limites entre a teoria e a prática. Que outros pesquisadores possam se interessar pela temática e busquem ampliar os estudos aqui apresentados, assim como investigar outras problemáticas dentro do universo da educação de jovens e adultos, campo de pesquisa extremamente fecundo.

REFERÊNCIAS

ARROYO, G. M. Educação de Jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. *In*: Soares, L.; Giovanetti, M. A.; Gomes, N. L. **Diálogos na Educação de jovens e adultos**. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. **Capítulo III - Da educação, da cultura e do desporto**. Seção I - Da Educação. Art. 208. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 29.out.2023.

_____. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDBEN)**. Capítulo III, Seção V. Brasília, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 29.out.2023.

_____. Conselho Nacional de Educação (CNE). **Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos**. Parecer CNE/CEB nº 11/2000. Brasília, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf. Acesso em 29.out.2023.

_____. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de Indicadores Sociais. Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira, 2019. Disponível

em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101678> Acesso em 22.out.2023

CAPUCHO, V. **Educação de jovens e adultos** : prática pedagógica e fortalecimento da cidadania. São Paulo: Vozes, 2012.

COURA, I. G. M. **Desejos e desafios de pessoas da terceira idade no processo de escolarização**. In REVEJ@ - Revista de Educação de jovens e adultos , v. 2, n. 3, p. 1-100, dez. 2008. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/217874677/REVEJ-4-completa>. Acesso em 22.out.2023.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

DIAS, F. V. *et al.* Sujeitos de mudanças e mudanças de sujeitos: as especificidades do público da Educação de jovens e adultos . In Soares. **Educação de jovens e adultos: O que revelam as pesquisas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 58^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6^a ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JARDELINO, J. R. L.; ARAÚJO, R. M. B. de. **Educação de Jovens e Adultos: sujeitos, saberes e práticas**. 1^a Ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SALVADOR. Conselho Municipal de Educação (CME). **Educação de jovens e adultos na rede municipal de ensino de Salvador**. Resolução CME nº 041/2013. Salvador: 2013. Disponível em: <http://educacao3.salvador.ba.gov.br/adm/wp-content/uploads/2016/04/RES-CME-041-2013-EJA.pdf>. Acesso em 29.out.2023.

SIQUEIRA, S. M. M. **O papel dos movimentos sociais na construção de outra sociabilidade**. In: Anped, 2002, Caxambu. Disponível em: https://lemarx.faced.ufba.br/arquivo/opapeldosmovimentossociais_sandramarinho.pdf. Acesso em: 22.out.2023.